

***Cyberbullying* em ecologias conectivas escolares contemporâneas: abordagem interseccional em Santa Catarina ¹**

André Dala Possa ²

A virada do século registrou rápido aumento na taxa de *cyberbullying* e, com isso, agravaram-se os danos a longo prazo causados entre os jovens, suas famílias e comunidades. O *cyberbullying*, parte de um debate mais amplo de exclusão online, é agora considerado prioridade política em todo o mundo. A COVID-19 revelou e tem reforçado a natureza atópica das ecologias conectivas contemporâneas, surgem preocupações em torno das consequências não intencionais da pandemia e do decurso próprio da digitalização de tudo. Por exemplo, o fechamento de escolas e os *lockdowns* resultaram em adolescentes passando mais tempo conectados. Esse aumento exacerbou o problema, agravou os resultados negativos e colocou a segurança, saúde e bem-estar dos jovens no espaço virtual em maior risco. Dado os amplos impactos na saúde mental e física, essa epidemia oculta precisa de atenção. O campo do *cyberbullying* é caracterizado por inconsistências de definição e falta de fundamentos teóricos assertivos para a topofilia catarinense.

A literatura, em parte, tem individualizado e extraído o *cyberbullying* de seus contextos sociais, culturais e políticos. Mais que isso, a ciência da comunicação ainda se esforça para compreender esse fenômeno nas práticas culturais algorítmicas e colaborar na criação de mecanismos que previnam e combatam comportamentos tecno-sociais nocivos. Dado o contexto inicial e a complexidade do objeto, este estudo classifica-se como pesquisa-ação e sua metodologia combina técnicas qualitativas e quantitativas considerando os pressupostos da cartografia das controvérsias e implementando etapa aplicada pelos princípios da extensão. Pelas características culturais subjetivas do problema, pela interdisciplinaridade do objeto e pelo dinamismo do *lócus*, há constante revisão da literatura – epistemologicamente ratificada nas escolhas metodológicas.

¹ Trabalho apresentado no Painel Temático G - Plataformas de escuta em eventos climáticos extremos do XVII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, realizado nos dias 4 a 06 de dezembro de 2024.

² Doutor em Ciência da Comunicação, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC); email andre.possa@ifsc.edu.br.

No campo prático, são promovidas atividades de extensão junto à comunidade escolar para conhecer e analisar o fenômeno do *cyberbullying* netnograficamente, perseguindo impactos macrosociais e atualizados de *ciber-harm*. Investiga-se como atitudes e comportamentos discriminatórios se originam e são mediados pela tecnologia no cotidiano dentro e entre casa e escola e quais as principais implicações interseccionistas do *cyberbullying* em um nível reticular, para além dos indivíduos foco: vítima e agressor.

Para a revisão sistemática da literatura consideraram-se como termos centrais “*cyberbullying*”, “*exclusão online*” e “*ciber-harm*”, as bases de dados acadêmicas são diversas, como *Scopus*, *Web of Science* e *Google Scholar*. Dado o estado da arte, além da pesquisa básica, realizam-se intervenções de pesquisa-ação em escolas selecionadas. Essas intervenções prescrevem participação de três públicos principais: estudantes, educadores e familiares. Os principais objetivos das intervenções são: coleta de dados; sensibilização sobre o problema; e, experiências formativas inovadoras para a conscientização e enfrentamento do *cyberbullying*. Assim, mais que conhecer a realidade própria do estado de Santa Catarina, dá-se profusão a comportamentos digitais mais saudáveis, gerando produtos tecnológicos. Quanto às técnicas de pesquisa, são executadas imersões mistas de coleta de dados para a compreensão das experiências e percepções sobre o problema, tais como: levantamento de dados e redes; análise de Redes Sociais (ARS); análise de documentos; aplicação de formulários eletrônicos; entrevistas semiestruturadas; grupos focais; e, observação participante. No total, são 12 escolas participantes. A definição aplicou recorte geográfico (duas em cada uma das seis mesorregiões do estado) e critério de desempenho escolar (a melhor e a pior escola segundo o Índice de Desempenho Escolar Municipal – IDEB-2021).

Estudar, conceituar regionalmente e criar estratégias de enfrentamento do *cyberbullying* tem sido desafiador porque existem múltiplas origens das atitudes e comportamentos emergindo numa ampla gama de contextos culturais físicos e de plataformas digitais (Carlson e Frazer, 2018). A taxonomia do *cyberbullying* de Willard (2007) inclui *flames*, assédio, *cyberstalking*, denigração, personificação, truque/exposição e exclusão. O *cyberbullying* pode ocorrer via *e-mail*, mensagens de texto, redes sociais e *sites* de redes, ambiências de jogos virtuais, mensagens instantâneas, páginas da *web* e salas de bate-papo (Kowalski et al., 2014). Alguns centros de pesquisa vêm se dedicando a essa nuance mais ecológica e menos antropocêntrica da relação homem, técnica e

natureza – como o Atopos da USP e o *MIT Connection Science*. As produções recentes de pesquisadores como Di Felice (2013; 2019; 2024), Floridi (2015) e Acotto (2017) denotam valorização dessa perspectiva sob conceitos como ecologias conectivas, abstração de redes complexas e vida *online*. Para essa corrente da filosofia da ciência e da técnica, o mundo está se tornando cada vez mais programável e tais mudanças exigem pesquisas profundas que rompam as barreiras disciplinares para oferecer um novo entendimento sobre habitarmos ambientes permeados pelas tecnologias emergentes, como inteligência artificial, automação, *blockchain* e análise de dados – todos interligados, impelem mudanças na sociedade.

A taxa de prevalência de *cyberbullying* entre adolescentes na Europa varia de 20% a 40% (Aboujaoude et al., 2015), e a adolescência é uma fase crucial do desenvolvimento emocional e cognitivo (Ortega et al., 2012). Incidentes de *cyberbullying* aumentaram no mundo desde a pandemia (Das et al., 2020), com registros notáveis em discursos de ódio (LIGHT, 2020). As consequências do uso crescente da Internet incluem condições de medo que impulsionam a discriminação (Devakumar et al., 2020).

O Brasil tem registros de violência extrema aos contextos escolares com origem em fatores ligados a vivências cibernéticas desde 2002. Santa Catarina tem dois casos emblemáticos, em Saudades e Blumenau. Ambos revelam padrões que envolvem influências de comunidades virtuais e da rejeição social dos agressores. Em Saudades, em maio de 2021, um jovem invadiu uma creche, ceifando vidas, enquanto em Blumenau, em abril de 2023, um ataque similar trouxe novamente a dor e o medo à comunidade escolar. Conforme indicativo do GT nacional criado para pensar políticas públicas (Brasil, 2023) os agressores enfrentam graves problemas de inserção social e se voltam para ambientes *online* obscuros onde encontram uma validação e apoio para suas intenções violentas. Essas comunidades glorificam atos de violência, criando um ecossistema que encoraja comportamentos extremos. A rejeição social somada a vida *online* parece atuar como um catalisador, empurrando esses indivíduos para ações drásticas em busca de notoriedade ou vingança contra uma sociedade que percebem como hostil (Andrade, Nascimento & Gonçalves, 2023). Este cenário exige uma abordagem multidisciplinar, combinando segurança digital e inovação nas políticas e práticas educativas inclusivas para prevenir futuras tragédias.

Até maio de 2024, o painel da violência escolar da secretaria de estado da educação catarinense registra 2.920 ocorrências, em 631 escolas, envolvendo 4.234 agressores e 5.862

vítimas. Deste universo, 114 ocorrências estão classificadas segundo fatores ligados ao *bullying* e 26 ao *cyberbullying* (Santa Catarina, 2024). Dado o amplo impacto do fenômeno na saúde mental e física, essa epidemia oculta e multifatorial necessita de atenção.

Explora-se nesta pesquisa em andamento como atitudes e comportamentos discriminatórios são mediados pela tecnologia e examina-se as implicações mais amplas do *cyberbullying*. Para Kowalski et al., 2014, o fenômeno sempre envolve agressão, repetição e desequilíbrio de poder (Olweus, 1993). O *cyberbullying* se distingue pelo anonimato e pela desinibição *online*, que reduzem a empatia e o remorso (Suler, 2004); pode ocorrer a qualquer momento e em qualquer lugar devido à ubiquidade digital (Kowalski et al., 2014). Portanto, um desafio metodológico é não ignorar fatores sistêmicos que impulsionam comportamentos de *bullying* em um mundo hiperconectado, o que resultaria em uma reconceitualização incompleta do problema (UNESCO, 2017).

Pesquisas demonstram numerosos resultados negativos do *cyberbullying* para a saúde, comportamento e educação (Nixon, 2014). Os impactos incluem angústia emocional, transtornos psicológicos graves e problemas psicossociais (Devine e Lloyd, 2012; Dempsey et al., 2009; Fredstrom et al., 2011). A ligação entre suicídio e *cyberbullying* é bem estabelecida (Aboujaoude et al., 2015), com impactos significativos no desempenho acadêmico e bem-estar (Beran e Li, 2007).

As nuances entre as experiências de *cyberbullying* e a localização social revelam discriminação no mundo virtual contra minorias étnicas, sexuais e com deficiências (Alhaboby et al., 2019). A interseccionalidade é uma ferramenta analítica que revela sistemas de opressão e privilégio (Collins e Bilge, 2016), destacando como múltiplas identidades sociais influenciam o risco de *cyberbullying* (Bowleg, 2012). Stoll e Block (2015) usaram a interseccionalidade para explicar a relação entre *cyberbullying* e “raça”, demonstrando como identidades marginalizadas afetam a vulnerabilidade.

Menos documentados são os problemas psicossomáticos que surgem em conexão com o *cyberbullying* (Nixon, 2014). Preocupações com a saúde física, incluindo problemas de sono, dores de cabeça, perda de apetite, dores de estômago e outros sintomas somáticos, estão positivamente correlacionadas com o *cyberbullying* (Beckman et al., 2012). O envolvimento no *cyberbullying* está associado ao aumento do abuso de substâncias (Goebert et al., 2011); portar armas (Ybarra e

Mitchell, 2007); aumento de problemas comportamentais (Dooley et al., 2012; Ybarra et al., 2007); aumento de atos ilegais, delinquentes ou de violação de regras (Hinduja e Patchin, 2008; Schenk et al., 2013; Ybarra e Mitchell, 2004, 2007); maiores problemas de relacionamento com os pares ou relações sociais mais pobres/faltantes com colegas ou familiares (Devine e Lloyd, 2012); e aumento da agressão relacional, reativa ou física (Schenk et al., 2013).

O declínio no desempenho acadêmico e no bem-estar relacionado à escola como resultado do envolvimento no *cyberbullying* foi documentado por notas decrescentes; aumento de ausências; evasão, concentração prejudicada e sensação de insegurança na escola (Beran e Li, 2007; Katzer et al., 2009; Ybarra et al., 2007). Logo, o *cyberbullying* não é apenas uma questão significativa em termos de saúde mental e física, mas também tem impactos educacionais e comportamentais. A ciência da comunicação, enquanto espaço de produção de conhecimento deve ocupar-se de temas transdisciplinares ao ponto de promover conteúdos educativos mais inclusivos e saudáveis (Possa, 2018; 2023).

Focar exclusivamente no *cyberbullying* pode desviar a atenção de questões mais graves de discriminação, presentes inclusive no convívio dentro e entre casa e escola (Livingstone, 2016). Lumsden e Harmer (2019) propõem 'exclusão *online*' para analisar comportamentos tóxicos e prejudiciais, reconhecendo os impulsionadores discriminatórios do *cyberbullying*.

Palavras-chave

Cyberbullying; interseccionalidade; ecologias conectivas; educação; comunicação.

Referências

Aboujaoude, E., Savage, M. W., Starcevic, V., & Salame, W. O. (2015). **Cyberbullying**: Review of an old problem gone viral. *Journal of Adolescent Health*, 57(1), 10-18. DOI: 10.1016/j.jadohealth.2015.04.011.

Acotto, C. (2017). **Il mondo ex machina**: Cinque brevi lezioni di filosofia dell'automazione. Milão: Egea.

Alhaboby, Z. A., Barnes, J., Evans, H., & Short, E. (2019). Cyber-victimization of people with chronic conditions and disabilities: A systematic review of scope and impact. **Trauma Violence & Abuse**, 20(3), 398-415. DOI: 10.1177/1524838017717743.

ANDRADE, F.; NASCIMENTO, V.; GONÇALVES, C. Desengajamentos morais na associação entre jogos eletrônicos e o massacre de Suzano. **Revista Educare**. João Pessoa, v. 8, p. 1-36, jan./dez., 2023.

Beech, H. (2020). **The Covid-19 pandemic and online education: Impact on student online engagement.** UNICEF Report.

Beran, T. and Li, Q. (2007), The relationship between cyberbullying and school bullying, **The Journal of Student Wellbeing**, Vol. 1 No. 2, pp. 16–33, DOI: 10.21913/JSW.v1i2.172.

Beckman, L., Hagquist, C. and Hellström, L. (2012), Does the association with psychosomatic health problems differ between cyberbullying and traditional bullying?, **Emotional and Behavioural Difficulties**, Vol. 17 No. 3–4, pp. 421– 434, doi: 10.1080/13632752.2012.704228.

Bowleg, L. (2012). The problem with the phrase women and minorities: Intersectionality—an important theoretical framework for public health. **American Journal of Public Health**, 102(7), 1267-1273.

Bloom, D. E., Cafiero, E. T., Jané-Llopis, E., Abrahams-Gessel, S., Bloom, L. R., Fathima, S., ... & Weiss, J. (2012). The global economic burden of noncommunicable diseases. **World Economic Forum**.

Burns, J., & Gottschalk, F. (2019). Global perspectives on bullying: The role of policies in preventing and addressing cyberbullying. **OECD Publishing**.

BRASIL. Ministério da Educação. Ataques às escolas: relatórios e recomendações para políticas públicas. São Paulo: **Cenpec**, 2023. Disponível em: <https://saberesepaticas.cenpec.org.br>. Acesso em: 2 fev. 2024.

Carlson, J., & Frazer, J. (2018). Cyberbullying among ethnic minorities: A systematic review of prevalence and risk factors. **Journal of Child & Adolescent Trauma**, 11(1), 37-44.

Collins, P. H., & Bilge, S. (2016). **Intersectionality**. Cambridge: Polity Press.

Das, A., Salam, R. A., Lassi, Z. S., & Bhutta, Z. A. (2020). Impact of cyberbullying on mental health among adolescents during the COVID-19 pandemic: A systematic review. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, 17(12), 4447. DOI: 10.3390/ijerph17124447.

Dempsey, A. G., Sulkowski, M. L., Nichols, R., & Storch, E. A. (2009). Differences between peer victimization in cyber and physical contexts and associated psychosocial adjustment in early adolescence. **Psychology in the Schools**, 46(6), 593-602.

Devakumar, D., Shannon, G., Bhopal, S. S., & Abubakar, I. (2020). Racism and discrimination in COVID-19 responses. **The Lancet**, 395(10231), 1194.

Devine, P. G., & Lloyd, B. (2012). Internet bullying: Context and consequences. **Journal of Adolescent Health**, 50(4), 363-364.

Di Felice, Massimo. **Ecologias conectivas: A qualidade transorgânica das interações nos ambientes-rede.** Disponível em: <https://www.massimodifelice.net/atopia>. Acesso em: 2 jun. 2024.

DI FELICE, Massimo. **Net-ativismo: Da Ação Social para o Ato Conectivo.** São Paulo: Paulus, 2013.

DI FELICE, Massimo. **La cittadinanza digitale**: La crisi dell'idea occidentale di democrazia e la partecipazione nelle reti digitali. Milão: Meltemi, 2019.

Dooley, J.J., Shaw, T. and Cross, D. (2012), The association between the mental health and behavioural problems of students and their reactions to cyber- victimization, **European Journal of Developmental Psychology**, Vol. 9 No. 2, pp. 275–289, DOI: 10.1080/17405629.2011.648425.

FLORIDI, Luciano. **The Onlife Manifesto**: Being Human in a Hyperconnected Era. Cham: Springer Open, 2015. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1007/978-3-319-04093-6>. Acesso em: 4 dez. 2023.

Fredstrom, B. K., Adams, R. E., & Gilman, R. (2011). Electronic and school-based victimization: Unique contexts for adjustment difficulties during adolescence. **Journal of Youth and Adolescence**, 40(4), 405-415.

Galoustian, G. (2020). The impact of COVID-19 on digital communication: Challenges and opportunities. **Journal of Communication**, 70(4), 601-608.

Goebert, D., Else, I., Matsu, C., Chung-Do, J., & Chang, J. Y. (2011). The impact of cyberbullying on substance use and mental health in a multiethnic sample. **Maternal and Child Health Journal**, 15(8), 1282-1286.

Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2008). Cyberbullying: An exploratory analysis of factors related to offending and victimization. **Deviant Behavior**, 29(2), 129-156.

INEP. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)**. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/avaliacao-e-exames-educacionais/ideb/resultados>. Acesso em: 6 maio. 2024.

Katzer, C., Fetchenhauer, D., & Belschak, F. (2009). Cyberbullying: Who are the victims? **Journal of Media Psychology**, 21(1), 25-36.

Kolstrein, A. M., & Jofré, M. (2013). Human rights instruments and the fight against cyberbullying: A review. **Human Rights Quarterly**, 35(3), 569-597.

Kowalski, R. M., Giumetti, G. W., Schroeder, A. N., & Lattanner, M. R. (2014). Bullying in the digital age: A critical review and meta- analysis of cyberbullying research among youth. **Psychological Bulletin**, 140(4), 1073-1137.

KOZINETS, Robert V. **Netnography**: Redefined. 2. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2014.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: EDUFBA, 2012.

LIVINGSTONE, Sonia; SEFTON-GREEN, Julian. **The class**: living and learning in the Digital Age. New York: University Press, 2016. Disponível em: <https://eprints.lse.ac.uk/76224/>. Acesso em: 12 maio 2024.

Lumsden, K., & Harmer, E. (2019). **Online othering**: Exploring digital violence and discrimination on the web. Cham: Springer.

- LIGHT. (2020). The rise of online hate speech during the COVID-19 pandemic. **LIGHT Report**.
- Nixon, C. L. (2014). Current perspectives: The impact of cyberbullying on adolescent health. **Adolescent Health, Medicine and Therapeutics**, 5, 143-158. DOI: 10.2147/AHMT.S36456.
- Olweus, D. (1993). **Bullying at school: What we know and what we can do**. Cambridge: Blackwell.
- Ortega, R., Elipe, P., Mora-Merchán, J. A., Genta, M. L., Brighi, A., Guarini, A., ... & Tippett, N. (2012). The emotional impact of bullying and cyberbullying on victims: A European cross-national study. **Aggressive Behavior**, 38(5), 342-356.
- RIFKIN, Jeremy. **A terceira revolução industrial**. São Paulo: M. Books, 2011.
- Thiollent, M. (2022). **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez.
- UNESCO. (2017). School violence and bullying: Global status report. **UNESCO Publishing**.
- UNICEF. Children at increased risk of harm online during global COVID-19 pandemic. **Press release**, 14 April 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/press-releases/children-increased-risk-harm-online-during-global-covid-19-pandemic>.
- Pingault, J.-B. and Schoeler, T. (2017), Assessing the consequences of cyberbullying on mental health, **Nature Human Behaviour**, Vol. 1 No. 11, pp. 775–777, DOI: 10.1038/s41562-017-0209-z.
- POSSA, André Dala. Interação comunicacional de estudantes do ensino médio: netnografia para compreensão da nova ecologia cognitiva. 2018. **Tese** (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. DOI:10.11606/T.27.2019.tde-17042019-152141. Acesso em: 2024-05-14.
- POSSA, André Dala. **Vidas digitais: guiando crianças e adolescentes no mundo das tecnologias inteligentes**. 1. ed. São Paulo: Cidig, 2023. ISBN 978-6598128807.
- SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. **Educação na palma da mão**. Disponível em: <https://www.sed.sc.gov.br/educacao-na-palma-da-mao/>. Acesso em: 1 jun. 2024.
- Schenk, A. M., Fremouw, W. J., & Keelan, C. M. (2013). Characteristics of college cyberbullies. **Computers in Human Behavior**, 29(6), 2320-2327.
- Suler, J. (2004). The online disinhibition effect. *Cyberpsychology & Behavior*, 7(3), 321-326.
- Sittichai, R., Smith, P. K., Steffgen, G., & Chonchaiya, W. (2018). Prevention of cyberbullying: A review of technological solutions. **Aggression and Violent Behavior**, 40, 16-25. DOI: 10.1016/j.avb.2018.03.003.
- Stoll, L.C. and Block, R. (2015), Intersectionality and cyberbullying: A study of cybervictimization in a Midwestern high school, **Computers in Human Behavior**, Vol. 52, pp. 387–397, DOI: 10.1016/j.chb.2015.06.010.
- Willard, Nancy E. **Cyberbullying and cyberthreats: Responding to the challenge of online social**



XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER – Associação Brasileira de Pesquisadores em CiberCultura. Universidade do Estado de Santa Catarina. De 4 a 6 de dezembro de 2024.

aggression, threats, and distress. Research press, 2007.

Ybarra, M.L. and Mitchell, K.J. (2007), Prevalence and frequency of Internet harassment instigation: implications for adolescent health. **The Journal of Adolescent Health**, Vol. 41 No. 2, pp. 189–195, DOI: 10.1016/j.jadohealth.2007.03.005.